A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA EM CANTO LÍRICO: mediações pedagógicas inclusivas na regência de uma licencianda com baixa visão

Comunicação

GTE 12: Ensino de Música, inclusão e anticapacitismo

Ana Cid
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
analeticiacid2005@gmail.com

Lílian Souza
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
lilianalmeidacid@hotmail.com

Resumo: Este estudo discute a construção da docência de uma licencianda com baixa visão no ensino de canto lírico, a partir das experiências de mediação pedagógica inclusiva vivenciadas durante o Estágio Supervisionado I. O objetivo foi analisar como as experiências de regência desenvolvidas durante o estágio supervisionado contribuíram para a construção da docência, evidenciando as mediações pedagógicas mobilizadas no ensino de canto lírico. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza descritivo-analítica, realizada no Curso Técnico em Canto Lírico, na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O corpus de análise foi constituído pelos registros do diário de campo, pelas transcrições das aulas e pelos planos de aula elaborados para duas regências na disciplina Canto I. A interpretação dos dados fundamentou-se nas contribuições de Gibson (2015), Ingold (2015; 2023), Masschelein (2010) e Pires (2023), cujas reflexões sobre percepção, atenção, experiência e aprendizagem da docência no estágio supervisionado contribuíram para a compreensão da construção da docência em um contexto de Educação Musical inclusiva. Os resultados evidenciam que a regência constituiu um espaço de construção da docência, no qual planejamento, mediações pedagógicas e reflexão sobre a prática se articularam de forma indissociável. Evidenciam, ainda, que a acessibilidade, integrada às práticas pedagógicas por meio de diferentes formas de mediação, favoreceu processos de ensino e aprendizagem mais sensíveis às singularidades dos estudantes, reafirmando a docência como uma prática relacional construída na experiência.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado I; Construção da docência; Mediação pedagógica.

Introdução

O estágio supervisionado constitui um dos principais espaços de articulação entre os conhecimentos construídos na formação inicial e as práticas desenvolvidas nos contextos de ensino. Mais do que um componente curricular voltado à aplicação de conteúdos, configura-se como um percurso formativo que possibilita ao licenciando observar, participar, planejar, ensinar e refletir sobre a própria prática docente. Nesse processo, a docência é construída de forma gradual, por meio das experiências vivenciadas, das interações estabelecidas com professores e estudantes e da reflexão crítica sobre os processos de ensino e aprendizagem (Pires, 2023).

No contexto da formação de professores de Música, essas experiências assumem características específicas, especialmente no ensino individual de canto lírico, no qual o acompanhamento sistemático do estudante exige constante reorganização das estratégias pedagógicas. A condução das aulas demanda sensibilidade para articular conhecimentos técnicos, musicais e corporais, requerendo do licenciando atenção permanente às respostas do estudante e às situações que emergem durante o processo de ensino e aprendizagem. Nessa dinâmica, diferentes formas de mediação são mobilizadas para favorecer o desenvolvimento vocal, a autonomia e a construção do conhecimento musical.

Quando esse percurso ocorre em contextos comprometidos com a inclusão, a construção da docência passa também a envolver questões relacionadas à acessibilidade, à participação e ao reconhecimento das diferentes formas de perceber, aprender e ensinar. No campo da Educação Musical, essa discussão evidencia a necessidade de práticas pedagógicas que considerem as singularidades dos sujeitos e as diferentes formas de acesso às experiências e aos conhecimentos musicais, especialmente no que se refere à participação de pessoas com deficiência visual (Martins et al., 2024).

Sob essa perspectiva, a inclusão é compreendida como um processo construído nas relações pedagógicas e nas mediações desenvolvidas no cotidiano das práticas educativas, favorecendo a participação dos sujeitos e a valorização da diversidade no ensino de Música, conforme os princípios da Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015).

É nesse contexto que se insere o Estágio Supervisionado I, realizado no Curso Técnico em Canto Lírico na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A experiência foi vivenciada por uma licencianda com baixa visão, cuja participação nas etapas de observação, atuação compartilhada e regência ocorreu em um contexto de acessibilidade construído em diálogo com a professora supervisora e com o apoio do SEMBRAIN — Musicalização Braille e Apoio à Inclusão, que promove ações inclusivas e acessíveis no âmbito da educação musical. Nesse percurso de aprendizagem da docência (Pires, 2023), a regência destacou-se como o momento em que as aprendizagens construídas ao longo do estágio foram mobilizadas na elaboração, condução e avaliação das aulas, evidenciando a docência como um processo formativo contínuo.

Diante desse contexto, este artigo tem como objetivo analisar como as experiências de regência desenvolvidas durante o estágio supervisionado contribuíram para a construção da docência de uma licencianda com baixa visão, evidenciando as mediações pedagógicas mobilizadas no ensino de canto lírico.

O corpus de análise é constituído pelos registros do diário de campo, pelas transcrições das aulas e pelos planos de aula elaborados para as regências. A interpretação desse material fundamenta-se nas contribuições de Tim Ingold (2015; 2023), James J. Gibson (2015), Jan Masschelein (2010) e Nair Pires (2023), cujas reflexões sobre atenção, percepção, experiência e formação docente oferecem subsídios para compreender a construção da docência em um contexto de educação musical inclusiva.

Percurso metodológico

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza descritivo-analítica, fundamentada nas experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado I do curso de Licenciatura em Música. A investigação foi realizada no Curso Técnico em Canto Lírico, na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), tendo como campo de estudo as disciplinas Canto I e Canto V.

O estágio foi desenvolvido ao longo do primeiro semestre letivo de 2026, em dez encontros organizados em três etapas: observação, atuação compartilhada com a professora supervisora e regência. As observações ocorreram semanalmente, em encontros presenciais

com duração de 50 minutos, envolvendo atendimentos individuais de dois estudantes, sendo uma aluna da disciplina Canto I e um aluno da disciplina Canto V. Essa organização possibilitou acompanhar diferentes níveis de desenvolvimento técnico-vocal e distintas estratégias de mediação pedagógica no ensino individual de canto lírico.

Embora o estágio tenha contemplado as disciplinas Canto I e Canto V, o presente artigo concentra-se nas duas regências realizadas na disciplina Canto I. Inicialmente, previa-se que as atividades de regência fossem desenvolvidas com estudantes das duas disciplinas. Entretanto, o estudante matriculado em Canto V passou a cumprir um estágio remunerado, o que exigiu a alteração de seus dias e horários de atendimento, permanecendo em apenas três encontros ao longo do semestre.

Em decorrência dessa reorganização, as regências foram realizadas com a estudante da disciplina Canto I. Essa definição metodológica justifica-se por compreender que as regências sintetizam as aprendizagens construídas ao longo do percurso formativo e evidenciam, de forma mais explícita, a mobilização de conhecimentos musicais, pedagógicos e técnicos durante a condução das aulas.

O corpus de análise foi constituído pelos registros produzidos em diário de campo, pelas transcrições das aulas gravadas em áudio e pelos planos de aula elaborados para as regências. A interpretação desse material foi orientada por uma abordagem interpretativa, buscando compreender como as mediações pedagógicas desenvolvidas durante as regências contribuíram para a construção da docência de uma licencianda com baixa visão no contexto do ensino de canto lírico. A análise foi desenvolvida à luz das contribuições de James J. Gibson (2015), Tim Ingold (2015; 2023), Jan Masschelein (2010) e Nair Pires (2023), cujas reflexões sobre percepção, atenção, experiência e formação docente orientaram a interpretação dos dados produzidos durante o estágio.

As análises, as reflexões e as interpretações apresentadas neste artigo foram produzidas a partir dos dados construídos no estágio supervisionado e das escolhas teórico-metodológicas da autora. Considerando sua condição de licencianda com baixa visão, o uso do ChatGPT[1] também contribuiu para ampliar sua autonomia nos processos de leitura, escrita

[1] Durante a preparação deste trabalho, as autoras utilizaram o ChatGPT (OpenAI), versão GPT-5.5, como apoio à revisão da escrita e ao refinamento do texto. Após o uso dessa ferramenta, as autoras revisaram e editaram o

e revisão textual, desempenhando uma função de apoio à acessibilidade, em consonância com a noção de Tecnologia Assistiva[2] adotada neste trabalho.

A regência como espaço de construção da docência

As experiências de regência desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado I representaram um momento decisivo no percurso formativo da licencianda, ao possibilitarem a mobilização dos conhecimentos construídos nas etapas de observação e atuação compartilhada. Mais do que assumir a condução das aulas, a regência constituiu um espaço de elaboração, experimentação e reflexão sobre a prática docente e permitiu compreender que ensinar envolve a articulação permanente entre planejamento, mediação pedagógica e tomada de decisões diante das situações que emergem no contexto educativo.

As duas regências foram planejadas em continuidade ao trabalho pedagógico desenvolvido pela professora supervisora, respeitando o percurso de aprendizagem da estudante acompanhada ao longo do estágio. Essa continuidade permitiu que o planejamento das aulas extrapolasse a seleção de exercícios vocais, passando a considerar os objetivos formativos já estabelecidos, as necessidades observadas durante o processo de aprendizagem e o desenvolvimento técnico apresentado pela estudante. Assim, planejar significou interpretar o percurso formativo em andamento e elaborar propostas capazes de favorecer sua continuidade.

Esse percurso evidencia que a construção da docência ultrapassa a apropriação de procedimentos técnicos. Conforme Pires (2023), aprender a ensinar constitui um processo formativo que se desenvolve nas experiências vividas, nas interações estabelecidas com professores e estudantes e na reflexão permanente sobre a prática. Nesse sentido, a regência representou o momento em que os conhecimentos construídos durante a observação passaram a orientar decisões pedagógicas assumidas pela própria licencianda, inaugurando

conteúdo gerado em conformidade com o método científico e assumem total responsabilidade pelo conteúdo desta publicação.

[2] A noção de Tecnologia Assistiva adotada neste trabalho fundamenta-se em Bersch e Tonolli (2006) e Bersch (2017), que a compreendem como um conjunto de recursos e serviços destinados a ampliar habilidades funcionais, promover autonomia, favorecer a aprendizagem e possibilitar maior participação e inclusão de pessoas com deficiência.

uma nova posição no processo formativo: a de professora em formação responsável pela condução da aula.

Essa compreensão aproxima-se das reflexões de Ingold (2015; 2023), ao conceber a aprendizagem como um processo de educação da atenção. As escolhas realizadas durante o planejamento e a condução das regências não decorreram da aplicação mecânica de procedimentos previamente definidos, mas da capacidade de perceber as respostas produzidas pela estudante, interpretar suas necessidades e reorganizar continuamente as intervenções pedagógicas. Desse modo, ensinar configurou-se como uma prática relacional, construída na experiência e orientada pela atenção aos processos que se constituíam durante a aula.

Ao assumir a regência, a licencianda também passou a experimentar os desafios inerentes à docência no ensino individual de canto lírico. A condução dos exercícios exigiu constante articulação entre demonstração vocal, orientação verbal, gestos corporais e acompanhamento da execução realizada pela estudante. Cada intervenção demandava observar, escutar, interpretar e decidir continuamente, evidenciando que a prática docente se constitui na atenção às relações estabelecidas durante o processo de ensino e aprendizagem.

Nesse contexto, a experiência da regência revelou que a docência ultrapassa a transmissão de conhecimentos técnicos e configura-se como um processo de mediação pedagógica, no qual professora e estudante constroem, conjuntamente, possibilidades de aprendizagem. As estratégias adotadas durante as aulas buscaram favorecer a compreensão dos aspectos técnicos da produção vocal por meio da articulação entre percepção corporal, escuta, movimento e imaginação, aspectos aprofundados na seção seguinte.

A experiência também evidenciou que a construção da docência ocorreu em um contexto comprometido com a acessibilidade. As estratégias utilizadas ao longo do planejamento e da condução das aulas consideraram diferentes formas de perceber e interagir com o conhecimento, demonstrando que a inclusão não se configura como um conjunto de procedimentos paralelos ao ensino, mas como uma dimensão constitutiva da prática pedagógica. Nesse sentido, a regência possibilitou compreender que formar-se

professora implica desenvolver uma prática sensível às singularidades dos estudantes e às diferentes possibilidades de participação nos processos de ensino e aprendizagem.

Mediações pedagógicas e construção da docência no ensino de canto lírico

As experiências desenvolvidas durante as regências permitem compreender como as mediações pedagógicas foram construídas no ensino de canto lírico, articulando planejamento, ação docente e reflexão sobre a prática. As aulas foram organizadas em continuidade ao percurso desenvolvido pela professora supervisora, considerando os conteúdos trabalhados ao longo do estágio e aqueles em que a licencianda demonstrava maior domínio técnico, favorecendo uma atuação mais segura. Antes da realização das regências, os planos de aula foram submetidos à apreciação da professora supervisora, possibilitando sugestões e ajustes que contribuíram para o aperfeiçoamento das propostas pedagógicas.

A primeira regência teve como eixo o desenvolvimento da consciência respiratória, do apoio e da percepção corporal como fundamentos da técnica vocal. O planejamento contemplou exercícios respiratórios, práticas em *bocca chiusa*, vocalizes com a vogal */u/* e o exercício denominado "besourinho", organizados de forma progressiva para favorecer a coordenação entre respiração, apoio e emissão vocal. Durante a aula, as orientações verbais foram articuladas a demonstrações vocais, imagens mentais e referências corporais, buscando favorecer que a estudante percebesse os ajustes necessários para uma emissão vocal mais equilibrada.

Figura 1: Demonstração de exercício vocal



Fonte: Acervo da pesquisa (2026)

Logo no acolhimento, ao dialogar sobre o processo de aprendizagem desenvolvido até aquele momento, a licencianda perguntou à estudante se havia encontrado dificuldades nas aulas anteriores. A estudante relatou que sua principal dificuldade estava relacionada ao ritmo da música. Para auxiliá-la na compreensão desse aspecto, a licencianda estabeleceu uma aproximação com outro contexto de aprendizagem musical, explicando que, assim como ocorre na iniciação à flauta doce, o estudo pode ser realizado inicialmente em andamento mais lento, aumentando gradativamente a velocidade à medida que se desenvolvem segurança e domínio técnico.

Essa estratégia permitiu mobilizar um conhecimento já familiar para favorecer a compreensão de uma nova situação de aprendizagem, evidenciando que a mediação pedagógica também se constrói na escuta do estudante e na capacidade de estabelecer conexões significativas entre diferentes experiências musicais.

No decorrer da aula, tornou-se evidente que o planejamento docente precisava permanecer aberto às respostas produzidas pela estudante. Um dos momentos mais significativos ocorreu durante o exercício respiratório, quando foi necessário utilizar o toque como estratégia de mediação para verificar se a inspiração era realizada sem elevação excessiva dos ombros e do peitoral. Essa intervenção possibilitou acompanhar com maior precisão a execução do exercício e oferecer orientações individualizadas quanto ao uso da musculatura respiratória. Mais do que um recurso corretivo, o toque constituiu uma forma de mediação pedagógica que ampliou as possibilidades de percepção corporal durante a aprendizagem técnica.

Figura 2: Mediação tátil durante exercício respiratório



Fonte: Acervo da pesquisa (2026)

Essa experiência aproxima-se da perspectiva ecológica da percepção proposta por Gibson (2015), segundo a qual perceber e agir constituem processos indissociáveis. A aprendizagem da técnica vocal não ocorreu apenas por meio de explicações conceituais, mas foi construída na relação entre percepção corporal, movimento, escuta e ação, permitindo que a estudante desenvolvesse novas referências para compreender o funcionamento da própria voz.

A segunda regência deu continuidade ao percurso iniciado anteriormente, concentrando-se na transição entre os registros vocais. Os exercícios com a sequência vocálica */uiuiuiuiuiui/*, os vocalizes com a vogal */u/* e as sílabas */mó/* e */má/* buscaram favorecer a homogeneidade da emissão, a estabilidade das notas agudas, o *legato* e a percepção da ressonância vocal. Durante a condução da aula, imagens mentais relacionadas à verticalidade da emissão e à manutenção do espaço interno foram utilizadas como estratégias para favorecer a compreensão dos aspectos técnicos trabalhados.

A prática docente, contudo, exigiu constantes reorganizações do planejamento inicialmente elaborado. Durante a realização do exercício conhecido como "besourinho", observou-se que a estudante apresentava dificuldades para alcançar a extensão aguda prevista. Diante dessa situação, a sequência planejada foi imediatamente adaptada, substituindo-se as notas mais agudas por notas graves compatíveis com suas possibilidades naquele momento. Essa decisão permitiu manter os objetivos da atividade sem interromper o processo de aprendizagem, evidenciando que ensinar implica interpretar continuamente as respostas produzidas pelo estudante e reorganizar a ação pedagógica sempre que necessário.

Na segunda regência, essa compreensão tornou-se ainda mais evidente. Embora o plano de aula tivesse sido elaborado previamente e fundamentado na literatura da área, a condução das atividades exigiu mais do que a aplicação dos conhecimentos técnicos estudados. Mediar a passagem entre os registros vocais implicou observar atentamente as respostas da estudante, interpretar suas dificuldades e adaptar continuamente as estratégias de ensino. Essa experiência revelou que a docência se constrói na própria prática, exigindo tomada de decisões, reflexão permanente e capacidade de reorganizar o planejamento em função das necessidades que emergem durante o processo de ensino e aprendizagem.

As situações vivenciadas ao longo das regências dialogam com a compreensão de Ingold (2015; 2023) acerca da educação da atenção. A atuação da licencianda não consistiu na execução linear de um plano previamente estabelecido, mas na capacidade de acompanhar os processos em desenvolvimento, responder às demandas apresentadas pela estudante e construir novas possibilidades de aprendizagem a partir da experiência compartilhada. Nessa perspectiva, ensinar e aprender configuram-se como processos relacionais, nos quais o planejamento permanece aberto às transformações produzidas no próprio contexto da aula.

As experiências analisadas também evidenciaram que a construção da docência ultrapassa o domínio dos conhecimentos técnicos do canto. Conforme discutem Pires (2023) e Masschelein (2010), formar-se professor implica desenvolver uma postura investigativa diante da prática, aprendendo a perceber, interpretar e responder às situações que emergem no cotidiano educativo. Nesse sentido, a regência constituiu um espaço privilegiado de formação, no qual a licencianda passou a compreender que ensinar não significa apenas transmitir conteúdos, mas construir mediações pedagógicas capazes de favorecer a aprendizagem, respeitando os tempos, as singularidades e os processos vivenciados pela estudante.

Ao longo das duas regências, a acessibilidade constituiu um elemento transversal às práticas desenvolvidas. A experiência da licencianda com baixa visão favoreceu a valorização de diferentes formas de mediação, articulando demonstrações vocais, orientações verbais, referências corporais e recursos táteis sempre que necessários. Essa perspectiva dialoga com discussões da Educação Musical inclusiva que ressaltam a necessidade de reconhecer as singularidades dos sujeitos e de ampliar as formas de acesso, participação e aprendizagem nas práticas musicais, considerando, entre outros aspectos, as especificidades das pessoas com deficiência visual (Martins et al., 2024).

Assim, a inclusão não se apresentou como um procedimento complementar ao planejamento, mas como um princípio que atravessou a organização das práticas pedagógicas e ampliou as possibilidades de participação e aprendizagem no contexto do ensino de canto lírico.

As experiências desenvolvidas durante as regências evidenciam que a construção da docência se realiza na articulação entre planejamento, experiência, reflexão e capacidade de

reorganizar a prática diante das necessidades que emergem durante o ensino. Mais do que representar a etapa final do estágio supervisionado, as regências constituíram um espaço de síntese das aprendizagens construídas ao longo do percurso formativo, permitindo compreender a docência como uma prática dinâmica, relacional e permanentemente constituída na experiência.

Considerações Finais

Este estudo analisou como as experiências de regência desenvolvidas no Estágio Supervisionado I contribuíram para a construção da docência no contexto do ensino de canto lírico. As análises evidenciaram que a regência ultrapassa a condição de uma etapa obrigatória da formação inicial, constituindo-se como um espaço privilegiado de aprendizagem docente, no qual conhecimentos teóricos, experiências práticas e processos reflexivos se articulam de forma indissociável.

Os resultados demonstram que a construção da docência não decorre da simples aplicação de métodos ou técnicas previamente estabelecidos. Ao contrário, configura-se como um processo dinâmico, marcado pela capacidade de observar, interpretar e responder às necessidades que emergem durante a prática pedagógica. As adaptações realizadas ao longo das regências, a reorganização do planejamento e a mobilização de diferentes formas de mediação evidenciaram que ensinar canto implica desenvolver uma atenção permanente aos processos de aprendizagem, reconhecendo a estudante como participante ativa na construção do conhecimento.

As experiências analisadas também permitiram compreender que as mediações pedagógicas assumem papel central no ensino de canto lírico. A articulação entre orientações verbais, demonstrações vocais, referências corporais, imagens mentais e recursos táteis favoreceu a aprendizagem dos conteúdos técnico-vocais ao integrar percepção, movimento e ação. Nessa perspectiva, as contribuições de Gibson (2015), Ingold (2015; 2023), Masschelein (2010) e Pires (2023) possibilitaram interpretar a docência como uma prática construída na experiência, na educação da atenção e na reflexão contínua sobre a ação pedagógica.

Outro aspecto evidenciado pela pesquisa refere-se à acessibilidade como dimensão constitutiva da prática docente. A experiência da licencianda com baixa visão contribuiu para

ampliar a compreensão acerca das múltiplas formas de ensinar e aprender, evidenciando que práticas pedagógicas fundamentadas em diferentes modos de mediação favorecem não apenas estudantes com deficiência, mas qualificam os processos educativos de maneira mais ampla. Nesse sentido, a acessibilidade é compreendida como um princípio pedagógico que atravessa o planejamento, a condução das aulas e as relações estabelecidas no contexto do ensino.

As análises desenvolvidas neste estudo permitem compreender que a docência também é educada pelos sentidos. Observar, escutar, tocar e refletir constituíram dimensões inseparáveis da experiência formativa vivenciada durante as regências, reafirmando que aprender a ensinar música significa, antes de tudo, aprender a perceber. É nesse horizonte que a reflexão apresentada por Oliver Sacks adquire especial significado para esta investigação. Ao discutir experiências de pessoas que recuperaram a visão após longos períodos de privação visual, Oliver Sacks (2006, p. 121) recupera a afirmação de um desses sujeitos: “Agora que o toquei, posso vê-lo**".**

Em sentido metafórico, essa expressão sintetiza um dos principais achados desta pesquisa: o conhecimento docente não se constrói apenas pela aquisição de conteúdo ou pelo domínio de técnicas, mas na experiência, na atenção e nas múltiplas formas de perceber, agir e relacionar-se com o outro durante o processo de ensino e aprendizagem.

Por fim, este estudo reafirma a relevância do estágio supervisionado como espaço de experimentação, investigação e construção da identidade docente na formação inicial em Música. Ao evidenciar as potencialidades das experiências de regência no ensino de canto lírico, espera-se contribuir para o fortalecimento das discussões sobre formação de professores, mediações pedagógicas e acessibilidade na Educação Musical.

Além disso, este trabalho aponta para a necessidade de novas pesquisas que aprofundem a compreensão das experiências de regência em diferentes contextos formativos, ampliando o debate sobre práticas pedagógicas inclusivas e processos de construção da docência no campo da Educação Musical.

Referências

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Ministério da Educação. Brasília. 2015.

BERSCH, Rita de Cássia R**.** *Introdução à tecnologia assistiva*. Porto Alegre: CEDI, 2017. Disponível em: https://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf. Acesso em: 6 jun. 2026.

BERSCH, Rita de Cássia R.; TONOLLI, J. C. *Introdução ao conceito de tecnologia assistiva e modelos de abordagem da deficiência*. 2006. Disponível em: https://iparadigma.org.br/wp-content/uploads/Introducao-a-Tecnologia-Assistiva-1.pdf. Acesso em: 6 jun. 2026.

GIBSON, James. *The Ecological Approach to Visual Perception*. New York: Psychologic Press, 2015.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. Sobre não conhecer e prestar atenção: como caminhar em um mundo possível. *Esferas*, v. 1, n. 26, p. 279-308, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.31501/esf.v1i26.14466. Acesso em: 6 jun. 2026.

MARTINS, Ana Carolina dos Santos (org.). *Manifesto e diretrizes [livro eletrônico]: para uma educação musical inclusiva, anticapacitista e antipsicofóbica*. Recife, PE: Portal Educação Emocional, 2024.

MASSCHELEIN, Jan. The idea of critical e-ducational research – e-ducating the gaze and inviting to go walking. In: GUR-ZA'EV, Ilan (ed.). *The possibility/impossibility of a new critical language of education*. Rotterdam: Sense Publishers, 2010. p. 275-291.

PIRES, Nair. Aprender a ensinar no estágio supervisionado: a profissionalidade docente como referência. *Revista da Abem***,** v. 31, n. 1, e31107, 2023.

SACKS, Oliver W. *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. Tradução de Bernardo Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.